

“Tradução é também beijar o passado”: conversa com o autor Nilton Resende sobre o romance Fantasma em espanhol

“Translation is also kissing the past”: A conversation with author Nilton Resende about the novel Fantasma in Spanish

Ildney de Fátima Souza Cavalcanti

Universidade Federal de Alagoas

RESUMO

A entrevista que segue é resultado de um encontro que aconteceu ao vivo, durante a 10ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas, em agosto de 2023. Nessa conversa, abordamos vários assuntos pertinentes à tradução de obras literárias do escritor, editor, professor e pesquisador alagoano Nilton Resende: desde a circulação inicial de contos e poemas esparsos, a questões relativas à tradução do romance *Fantasma*¹, enfocando os diálogos e aproximações entre textos, culturas, pessoas, tempos, sentidos e também as trocas de afetos, promovidas pela tradução.

PALAVRAS-CHAVE

Nilton Resende; Fantasma; Tradução

Ildney de Fátima Souza Cavalcanti

Professora Associada 4 da Universidade Federal de Alagoas, onde atua no Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, vinculado à Faculdade de Letras; e coordena o grupo de pesquisa Literatura e Utopia. Doutora em English Studies, pela University of Strathclyde (1999); e Pós-doutorado pela University of Cardiff (2012). <https://orcid.org/0000-0001-8932-6207>.

Recebido em:
14/03/2024

Aceito em:
31/08/2024

AGOSTO/2024
ISSN 2317-9945 (On-line)
ISSN 0103-6858
p. 198 - 204

IC - Para início de conversa, poderia dar uma visão mais panorâmica da trajetória das traduções das suas obras? E também das verdadeiras que você trilhou para que tais traduções ocorressem?

NR - Eu tenho um *blog*, no qual escrevo raramente, chamado *Manual do Como Manusear*, que é o nome de um dos contos de *Diabolô*. Antes, ele chamava-se *Trajes Lunares*, porque sempre quis usar isso em algo, já que por muitos anos sonhei em ter esse nome em uma editora. Quando a editora surgiu, mudei o nome do *blog*, para que não houvesse confusões. Para o *blog*, pensei em ter textos meus traduzidos para outros idiomas. Assim, busquei primeiro alguém que pudesse traduzir um conto meu para o inglês. Em 2012, enviei mensagem para a Denise Bottmann, e ela muito gen-

¹ *Fantasma* (2023), Argentina — tradução de Flavia Braga para o romance *Fantasma* (2021).

tilmente indicou-me a Alison Entrekin, australiana, que na época morava aqui no Brasil e já havia traduzido obras de autores brasileiros, tais como *Cidade de Deus*, de Paulo Lins; *Budapeste*, de Chico Buarque; *O filho eterno*, de Cristóvão Tezza. Entrei em contato com a Alison, disse-lhe que gostaria de ter um conto meu traduzido para o inglês, para colocar em meu *blog*. Acertamos valores e eu lhe enviei o pdf de *Diabolô*. Ela escolheu “A fresta” e o traduziu, mas pediu que eu não colocasse no *blog*, pois havia gostado muito do conto e achava que ele tinha potencial para ser publicado por alguma revista anglófona. Fiquei muito contente, muitíssimo.

A Sophie Lewis, britânica, editava à época a revista *Litro*, publicação distribuída gratuitamente no metrô londrino, e se interessou pelo conto, por “The crack” (o título em inglês)². Assim, o texto saiu no nº 114 da revista, que era dedicado ao Rio de Janeiro (ou seja, entrei meio “de gaiato nesse navio”). Viajei ao Rio para o lançamento. Nesse número, havia, junto a “The crack”, textos de Adriana Lisboa, Angélica Freitas, Antônio Moura, Damian Platt, João Paulo Cuenca, Leonardo Villa-Forte, Lúcia Bettencourt, Ramon Mello, Sérgio Rodrigues e Tatiana Salem Levy.

No mesmo período em que estávamos acertando a publicação na *Litro*, foi lançado um edital pela Fundação Biblioteca Nacional, para selecionar textos traduzidos para inglês e espanhol que comporiam o primeiro número da *Machado de Assis Magazine*, revista impressa que seria lançada na Feira de Frankfurt do ano seguinte, quando o Brasil seria o país homenageado do evento. Mais uma vez, busquei indicações, e encontrei o Pablo Cardellino Soto, uruguaio que mora no Brasil e atualmente é professor da UNB. À época, ele havia traduzido contos de Machado de Assis. Enviei para ele o conto “A ceia”³, ele o traduziu, com o título “La cena”, e me inscrevi no edital. Esqueci-me disso, quando um dia um amigo de São Paulo postou no Twitter que eu havia sido selecionado. Outros autores presentes na revista, com seus textos traduzidos para espanhol e inglês, foram Machado de Assis, Alberto Mussa, Andrea del Fuego, Bernardo Carvalho, Ronaldo Correia de Brito, Cristóvão Tezza, Eucanaã Ferraz, Flávia Lins e Silva, André de Leones, João Anzanello Carrascoza, João Paulo Cuenca, Joca Reiners Teron, Luisa Geisler, Luiz Ruffato, Paloma Vidal, Aluísio Azevedo, Ronaldo Wrobel, Rubens Figueiredo, Silvano Santiago, Carola Saavedra. Junto com cada texto traduzido, havia um perfil do autor, trechos de resenhas sobre suas obras, foto do livro de onde havia sido retirado o texto traduzido, e mais algumas informações.

Logo após isso, uma agente literária alemã procurou-me, perguntando se eu tinha algum romance pronto, pois ela queria apresentá-lo a editoras da Europa. Eu não tinha o romance. Tinha rascunhos, ideias; o próprio *Fantasma* começou a ser pensado naquele ano de 2012. Eu falei à agente sobre o livro de contos, mas ela me disse que era muito difícil vender um livro de contos a uma editora europeia, sem antes o autor ser mais conhecido. Ela foi muito gentil e clara a respeito do mercado.

Quanto às traduções seguintes, para o francês, elas ocorreram porque me lembrei de uma pessoa que eu havia conhecido na FLIP de 2004: o tra-

2 “The Crack”, *Litro Magazine* #114 (2012), Inglaterra.

3 “La Cena”, *Machado de Assis Magazine* #1 (2012), Brasil.

dutor, intérprete e agente literário francês Stéphane Chao, que estava na mesa do escritor francês Pierre Michon. Stéphane morava no Brasil. Então, busquei o contato dele, conversamos e ele traduziu dois textos: o conto “A ceia”, que se tornou “Le repas”⁴, e o poema “As aves”, do livro *O Orvalho e os Dias*, que se intitulou “Les oiseaux”⁵. A professora Gilda de Albuquerque Vilela Brandão, minha eterna orientadora, revisou as traduções (nunca haverá uma mulher como Gilda). O conto foi publicado na revista eletrônica *D-Fiction* (2018); o poema, na revista impressa *Nouveaux Délits* # 62 (2019).

Mais tarde, eu quis ver “A ceia” em inglês. Falei com a Alison Entrekin, mas ela já estava muito ocupada com a tradução de *Grande Sertão: Veredas*. Então, o Stéphane Chao me passou o contato da Kim Hastings, que traduziu obras de Adriana Lisboa, Alberto Mussa, Edgard Telles Ribeiro, Lúcia Bettencourt, Machado de Assis, Rachel Jardim, Rubem Fonseca. Ela o traduziu, apresentou-o a revistas inglesas. Duas delas ficaram interessadas, mas ela optou pela revista eletrônica *Bookanista*, que publicou o conto em 2019. Também nesta revista saiu uma entrevista dela comigo. Agora, “A ceia”⁶ pode ser lido em português, espanhol, francês e inglês.

No final de 2023, o livro *Diabolô* foi selecionado através do edital do Programa de Apoio à Tradução e à Publicação de Autores Brasileiros no Exterior, promovido pela Biblioteca Nacional. Ele será publicado pela Casagrande Editorial, da cidade de Rosario, na Argentina, e está sendo traduzido por um grupo de tradutoras capitaneadas por María Emilia Vico, professora da Universidad de Rosario e integrante do Colegio de Traductores de la Provincia de Santa Fe.

IC - Feito este panorama inicial de como suas obras já circulam em outras línguas, passemos agora a um enfoque mais específico no romance *Fantasma*. Como foi o percurso para que esta tradução ocorresse? Poderia descrever o processo de como a obra alçou voo?

NR - Em 2022, vi uma chamada da Caravana Grupo Editorial para autores/as que se interessassem em ver traduzidos para o espanhol livros seus já publicados. Enviei o *Fantasma*, e ele foi selecionado. A Caravana Grupo Editorial, de origem mineiro-portenha fundada em 2018, abriu uma chamada pública para selecionar livros não inéditos para serem traduzidos para o espanhol. Entre os meus livros já publicados, optei pelo *Fantasma*, por ser o mais atual e pela menor dificuldade (veja que eu não disse “maior facilidade”) de um romance chamar a atenção no exterior, em relação a um livro de contos ou um de poemas. De alguma forma, parece que o romance ainda é o gênero literário mais popular e mais acessível. Como não possuo contrato com uma agência literária, ter meu romance em espanhol pode vir a ampliar minhas chances de ser lido, caso eu queira divulgá-lo, pois o espanhol tem mais “aceitação” do que o português no mercado editorial mundial.

4 “Le Repas”, *D-Fiction* (2018), França.

5 “Les Oiseaux”, *Nouveaux Délits* # 62 (2019), França.

6 “The Supper”, *Bookanista* (2019), Inglaterra.

IC - Minha edição é a de 2021 e sei que já há outra mais recente, de 2022. Considerando que Fantasma é uma obra em que a tipografia assume contornos bem criativos, falaria um pouco também do projeto editorial para recompor, em tradução, este traço estilístico?

NR - Por ser apenas (?) um recurso gráfico, essa parte não trouxe dificuldades no processo tradutor, muito embora algumas vezes tenha passado despercebida. Mas, nada que uma revisão não pudesse resolver. No entanto, embora eu tenha escrito “apenas”, sabemos que é “apenas” na medida em que a manutenção das marcas gráficas consiste em algo mais simples do que o processo de tradução em si. Mas, foi algo a que estive muito atento durante a revisão, pois qualquer perda incorreria numa grave perda para o livro. Toda marca gráfica foi muito pensada, e nenhuma delas poderia se perder no caminho.

IC - Sim, certamente! Fico curiosa também para saber mais sobre o processo tradutório em si: você manteve contato com a tradutora, Flávia Braga, durante o trajeto? E poderia ilustrar passagens em que o processo foi mais dialógico para elucidar pontos, trechos, expressões em que a brasilidade, a alagoanidade (ou a nordestinidade) na linguagem requerem um trabalho mais cuidadoso na tradução, como é o caso, por exemplo, de palavras e expressões “criado-mudo”, “fico incrível”, “lá o haja”, dentre outras que estão no original?

NR - O processo de tradução de um texto é muito gostoso, por ser acompanhado também de muitos diálogos. Neste caso em específico, diálogos meus com a tradutora Flávia Braga e com a Ayelén Medail, preparadora de originais. A Caravana tinha a pessoa a traduzir, mas eu quis muito que também houvesse uma pessoa para preparar os originais, e fiz questão que fosse alguém natural da Argentina.

Esses exemplos que você levantou são ótimos, e vejamos como tratamos de cada um deles, em muitas idas e vindas. “Taís, eu fico incrível com isso” tornou-se “Taís, estoy impresionante con esto”. Eu amei essa resolução. A expressão no original, “eu fico incrível”, era algo muito dito pelos meus avós paternos, e tornou-se algo dito por toda a família, como algo espontâneo e como uma consciente lembrança deles, numa espécie de dito subliminar: “lembro-me deles... somos da mesma família... você conhece isto...”. É algo afetivo e cômico, por causa da transferência da adjetivação, que, em vez de relacionar-se à coisa que causou o espanto, passa a dizer sobre a pessoa espantada. É uma expressão que muito me dá alegria e nostalgia ao usar. Outra expressão também familiar, que herdei de minha avó paterna e de minha mãe, é o “lá o haja”. Por anos, eu a escutei e falei, mas apenas muito depois vim pensar: como será escrito isso? E aí veio: “lá o haja”, esteja para lá, quero longe de mim, tô nem aí. A tradução veio num diálogo com a Aye. Eu lhe disse que era uma expressão de minha avó, e que deveria passar um halo de coisa antiga e/ou estranha. Daí, ela escolheu “Andate a freír churros”, algo como “Vá fritar churros”. Após o livro envia-

do à editora, fiquei preocupado e procurei a Aye, perguntando-lhe se essa era uma expressão da geração dela ou uma expressão antiga. Ela me disse que sua avó costumava falar, e ela sempre foi louca para usar em algum texto. Olha que bonito: num processo de tradução, uma avó brasileira e uma argentina deram-se as mãos, trocaram palavras, dialogaram. Tradução também é isso. Quanto ao “criado-mudo”, o trabalho foi maior e de outra natureza. Em espanhol, a palavra imediatamente relacionada ao nosso “criado-mudo” seria algo como “mesita de noche” (“mesa de cabeceira”). Mas, essa palavra não traria em si algo que fizesse o Fantasma questionar seu nome. Pensando e repensando, encontrei “velador”. Como a palavra não traz em si as implicâncias da palavra “criado-mudo”, reescrevi todo o capítulo, de modo que o protagonista pensasse em algo/alguém que “vela” o outro, em vez de algo/alguém que “está a serviço e mudo”. Então, assim como o “criado-mudo” tornou-se “pequena cômoda”, o “velador” tornou-se “cômoda chica”.

IC - Riquíssimo este diálogo intercultural, especialmente considerando que escolhas tradutórias o levaram a revisar o manuscrito original! E ainda nessa direção, como foi resolvido, por exemplo, o caso da canção infantil “Mariana conta um”?

NR - Antes de responder, vou revolver minha memória, umas boas lembranças da infância. Quando fazia a 5ª série no antigo Colégio Cônego Machado, eu estudava francês, mas ficava fascinado quando escutava, vindo de uma sala da 4ª série, a turma falando e cantando em inglês (o inglês era ensinado na 4ª, 7ª e 8ª séries; o francês, em todas elas; e eu era fascinado pelo inglês). Da porta da sala, eu ouvia: “One little two little three little indians / Four little five, little six little Indians / Seven little eight, little nine little indians / Ten little indian boys”, que depois decrescia: “Ten little nine, little eight little indians [...]”. Eu amava, e sofria por não estar naquela sala. Mas, na aula de francês, também cantávamos, e ainda hoje eu me lembro de duas canções. A numérica era esta: “Bonjour, bonjour, bonjour à un ami... Au revoir, entrons en classe et réunir... Bonjour, bonjour, bonjour à deux amis... Au revoir, entrons en classe et réunir...” O que seguia para “trois”, “quatre amis”... e assim por diante.

Aqui no Brasil, ao menos na minha infância, “Mariana conta um” era muito cantada para ensinar os números. Minha mãe cantou muito para mim, e colocá-la no livro foi um modo de beijar nós dois há uns 50 anos. Tradução é também beijar o passado, beijar alguém no passado, dizer “eu amo” a algo do passado, atualizar uma gostosa memória.

Como eu queria muito que as pessoas tivessem contato com a canção da minha infância, ela foi traduzida literalmente, mantendo sua semântica, e a preparadora de originais colocou como nota de rodapé uma canção de aprendizagem numérica muito cantada na Argentina, cujo primeiro verso é: “Un elefante se balanceaba sobre la tela de una araña [...]”. Traduzir é também unir as diferentes culturas, através de suas semelhanças e distinções.

IC - Sem dúvida! Pensando agora nas traduções literárias que você lê: como é a sua relação com as tradutoras e tradutores de obras estrangeiras? Na perspectiva do escritor, como você lida, por exemplo, com a percepção de algumas escolhas tradutórias em relação a determinados recursos estilísticos do original? Você tem alinhamentos especiais com alguns/mas tradutores/as específico/as?

NR - Eu valorizo tanto o trabalho tradutório, que às vezes fico abilolado e não consigo escolher que tradução ler, como aconteceu ano passado com *Mrs. Dalloway*, da Virginia Woolf. Eu quis lê-lo, aí peguei várias traduções, sempre comparando com o original. Eu não sei inglês, não o suficiente para dizer qual tradução é melhor, mas dá para eu dizer qual eu escolheria para ler, por causa de uma ou outra escolha e por causa do ritmo das frases. Pois bem: peguei quatro traduções, e em cada uma eu encontrei pelo menos um motivo para querer ler e um para não querer. Uma delas, por exemplo, achei pesada, truncada, parecendo-me que se afastava do ritmo do original, mas com escolhas semânticas que me agradavam. Ao fim, aconteceu que desisti de ler. Mas, ainda em relação à Virginia Woolf, a leitura de uma obra dela foi a responsável pela primeira vez em que realmente pensei no trabalho de tradução. Foi quando li *Ao Farol (To the Lighthouse)*, que é um dos livros da minha vida. Eu o li na tradução da Denise Bottmann, e inclusive acompanhei o *blog* que ela criou durante o trabalho tradutório. Depois, comparei com outra tradução que é muito elogiada, mas preferi a da Denise por causa do ritmo e por causa de uma escolha em específico, num trecho da segunda parte do livro, em que ela manteve a distância entre o sujeito de diversas orações concatenadas; a outra pessoa repetiu o sujeito ao final, meio que dando uma mão, uma ajuda para a leitora, o leitor. Fiquei pensando se isso não teria ocorrido em outras partes da tradução.

Em dois outros momentos, também pensei bastante nesse trabalho tão lindo. Um deles, em relação a *A Morte de Virgílio (Der Tod des Vergil)*, do austríaco Hermann Broch. Numa tradução mais antiga que tenho (tenho dois exemplares, em edições distintas, porque sou desses que têm mais de uma edição dos livros que ama), vi que o tradutor, Herbert Caro (tradutor também de Thomas Mann e mais alguns outros grandes nomes), teve muito cuidado em manter os períodos longos do original. Numa tradução mais recente, alguns deles foram divididos em períodos menores – a manutenção do tamanho dos períodos, pequenos ou grandes, é algo que me faz querer ou não ler determinado trabalho.

Como último exemplo, e extravagância financeira, cito *O Homem sem Qualidades (Der Mann ohne Eigenschaften)*, do também austríaco Robert Musil. Eu estava querendo ler essa obra, e conversei com um tradutor e estudioso do idioma alemão. Ele me falou que a edição brasileira não era uma coisa muito maravilhosa, e perguntei sobre a edição portuguesa, que ele elogiou. Ao pesquisar, vi que havia sido feita por João Barrento, Prêmio Camões 2023 e que traduziu também Walter Benjamin. Além do mais, sua tradução recebeu o Prêmio de Tradução do Ministério da Cultura da Áustria em 2010. A edição portuguesa, publicada em três volumes pela D. Quixote, traz também capítulos inacabados, tentativa de continuação de capítulos, projetos de capítulos, esboços e fragmentos, notas e reflexões de

Musil sobre o romance. Fiquei louco para ter essa edição e fiz um grande investimento, importando-o. Fiz isso porque sou escritor. Comparando as traduções, entre esta e a brasileira, numa primeira vista não percebi muitas diferenças, mas sei que há. E como sou escritor, e não apenas um leitor, preciso ter sempre a consciência de que ler é alimentar-me como artista, então, estar mais próximo, em língua portuguesa, do que Musil fez em alemão é muito importante. Pensar assim me fez não sentir culpa pela extravagância.

IC - Chegando já ao final, incorporemos Emily Dickinson à nossa conversa, com o poema “A Word”, metáfora da vida da palavra após ela ser dita, trazida de volta à vida ao ser desdobrada ou ecoada de alguma forma. A tradução é certamente uma dessas formas. Falemos então um pouco dos desdobramentos dos seus trabalhos: temos, por exemplo, o filme A Barca, que é um salto do texto para uma outra linguagem. Em Fantasma, num dado ponto, a voz narrativa articula quase profeticamente: “quero larguras, passos, saltos” (p. 28), meio que antecipando que esta voz ecoaria em outras línguas, já que as traduções são saltos linguísticos. Como você vê esses desdobramentos? E o que esperar a partir de agora?

NR - Digo que os diálogos durante as traduções têm me trazido muitas alegrias. Neste mês de novembro, o romance *Fantasma* teve seus primeiros capítulos traduzidos para mais outro idioma, e eu até chorei enquanto lia o texto traduzido. Escrevi isto à dupla que fez o trabalho: *Estou, agora, chorando, alegre, alegre, um sorriso enorme no rosto, porque ao ler o texto assim, o texto “estrangeiro”, vejo belezas que eu já não percebia mais em meu texto, por eu já estar tão familiarizado com ele. Lê-lo nesse idioma devolve-me a beleza de quando eu me deparei com essas construções pela primeira vez — e talvez até me mostre belezas que já estavam no original, mas nunca percebi. Eu as construí sem percebê-las, e agora o distanciamento me aproxima delas.* Sim, porque a tradução é também um aproximar-nos do que já estava ao nosso lado, mas não percebíamos. Não sei bem o que espero agora. Eu sei que eu mesmo devo pegar as rédeas do cavalo de meus sonhos. Eu devo agir para divulgar, não em busca de sucesso, mas de ser lido. Eu ajo e espero... espero... porque acredito no tempo, acredito no mistério.

Afinal, Iroko é lindo, e o tempo é “um dos deuses mais belos”.

Construo larguras, dou passos, saltos em direção ao mistério.